

CIDADE ABERTA

PEDRO MAIA



Botes deixam clara a falta do Aquaviário

Com a paralisação do transporte coletivo ocorrida na última quinta-feira em toda a Grande Vitória, quem fez a festa foram os catraieiros que transportam passageiros pela baía da capital em botes especialmente preparados para tal fim.

Na falta dos ônibus, muita gente se valeu dos botes para atravessar da ilha ao continente, deixando mais do que claro a carência de um sistema de transporte aquaviário que atenda esta imperiosa necessidade do povo capixaba que há anos vem lutando para que isso aconteça, ficando literalmente sempre a ver navios.

A propósito vale a pena lembrar que nunca se entendeu a razão do porquê Vitória, sendo uma ilha e como tal cercada de água por todos lados (é uma das primeiras lições de Geografia que a molecada aprende nas escolas), não contar com um serviço de transporte aquático como acontece em várias outras cidades em idêntica situação geográfica. Mas na verdade não foi sempre assim...

Nos idos dos anos 1930 até meados da década de 1960 do século passado funcionou neste mister uma lancha da extinta Central Brasileira (precursora da atual EDP Escelsa), que ligava a capital ao bairro de Paul, onde os saudosos bondes da mesma empresa faziam a ligação com o centro de Vila Velha, servindo aos bairros nascidos e desenvolvidos ao longo da linha.

Era uma viagem agradável e barata em um percurso onde o cenário era bem mais agradável do que o dos nossos dias. Esta lancha cumpria seu horário britanicamente e foi nela que muitos casamentos tiveram início durante os três minutos de travessia.

Porém, com a extinção dos bondes, paulatinamente substituídos pelo transporte motorizado, a velha lancha foi levada para o estaleiro, de onde nunca mais saiu. E assim só ficou a saudade de um tempo onde não se imaginava nem de longe o sério problema que seria o trânsito de veículos na ci-

dade nas décadas seguintes.

Atravessando a baía restaram estes abnegados catraieiros, que além dos usuários de sempre, conseguem reforçar o orçamento transportando tripulantes dos navios que ancoram em nosso porto. Na época dos bondes, faturavam muito mais, pois faziam concorrência com a lancha e, por conta disso, muitos deles marcaram época, como foi o caso do saudoso Oscar Minotti, o Jorjão do Açú, ou o velho Moura, que até pouco tempo continuava lá firme nos remos. Bons tempos aqueles...

Em um passado mais ou menos recente, no governo do atual deputado Elcio Álvares, foi implantada a Comdusa, que explorou o transporte de passageiros na baía de Vitória com lanchas fazendo o percurso entre a capital, Vila Velha e Cariacica.

As embarcações não eram adequadas para este tipo de atividade, o gerenciamento do serviço foi catastrófico e além de constantes roubos de combustível (óleo diesel), duas destas embarcações foram explodidas misteriosamente em seus ancoradouros.

Por último, um navio cargueiro, em manobra pela baía, acabou destruindo

até o terminal que funcionava no centro da cidade.

Finalmente, uma empresa privada do ramo de construção civil se aventurou a investir no negócio, porém logo desistiu, alegando prejuízos constantes na empreitada.

Depois disso, o assunto da implantação do Aquaviário sempre vem à baila nos anos de eleição, porém tudo fica na promessa, enquanto o trânsito de veículos pela cidade se complica cada vez mais, infernizando a vida dos capixabas.

Até quando?



Nunca se entendeu por que Vitória, sendo uma ilha, não contar com um serviço de transporte aquático